

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O uso da tecnologia no futebol: As imagens de televisão como provas em julgamentos do
Superior Tribunal de Justiça Desportiva

Juiz de Fora
Agosto de 2013

Mariane Sequeto Gomes Clemente

O uso da tecnologia no futebol: As imagens de televisão como provas em julgamentos do
Superior Tribunal de Justiça Desportiva

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado como
requisito para obtenção de grau de Bacharel em
Comunicação Social na Faculdade de Comunicação
Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora
Agosto de 2013

Mariane Sequeto Gomes Clemente

O uso da tecnologia no futebol: Como as imagens de televisão são utilizadas em um julgamento do Superior Tribunal de Justiça Desportiva

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 29/08/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) - Orientador

Prof. Dr. Álvaro Americano (UFJF) - Convidado

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF) - Convidado

Conceito obtido _____

Juiz de Fora
Agosto de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me dar forças e não me deixar desistir.

Ao professor, orientador e também amigo Prof. Dr. Márcio Guerra, pela paciência e contribuição na orientação desse trabalho.

Aos professores membros da banca examinadora, que prontamente aceitaram ao meu convite.

Aos meus pais e aos meus irmãos, por estarem sempre ao meu lado.

Aos meus queridos amigos, pelo apoio de sempre e por compreenderem minha ausência nesses últimos meses.

Obrigada,

Mariane Sequeto Gomes Clemente

RESUMO

A discussão sobre o uso da tecnologia no futebol tem se tornado cada vez mais frequente, principalmente pelo fato de muitos esportes já utilizarem. Entre elas, as imagens de televisão, que ainda não são liberadas pela FIFA para serem utilizadas dentro do campo de jogo. Porém, essas imagens podem interferir diretamente em fatos relacionados a partidas de futebol, pois seu uso é permitido para punir clubes e jogadores em julgamentos do STJD. O objetivo é discutir como essas imagens interferem em um jogo e analisar as razões que fazem com que nos julgamentos do futebol elas sejam consideradas legais, ao mesmo tempo em que a tecnologia de monitoramento não pode ser usada no jogo em si.

Palavras-chave: STJD. Futebol. Televisão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O FUTEBOL CHEGA AO BRASIL	10
2.1 AS COMPETIÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO	11
2.2 A CONSTRUÇÃO DOS IDOLOS.....	15
3 A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	22
3.1 O ESPORTE GANHA AS PÁGINAS DOS JORNAIS.....	22
3.2 O ESPORTE NAS ONDAS DO RÁDIO.....	26
3.3 UMA NOVA FORMA DE SE VER O ESPORTE: A CHEGADA DA TELEVISÃO	28
3.4 O JORNALISMO ESPORTIVO NA ERA DA INTERNET.....	31
4 A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS LEIS DO FUTEBOL	33
4.1 AS REGRAS DO ESPORTE.....	33
4.1.1 A FIGURA DO ÁRBITRO	35
4.1.2 A TECNOLOGIA A SERVIÇO DOS ESPORTES	37
4.2 A LEGISLAÇÃO ESPORTIVA.....	39
4.2.1 O CÓDIGO BRASILEIRO DE JUSTIÇA DESPORTIVA	41
4.2.2 A JUSTIÇA DESPORTIVA	42
5- O USO DE IMAGENS DE TELEVISÃO NO STJD	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
7 REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo trazer uma discussão sobre a utilização, pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) das imagens das transmissões de televisão. Muitas dessas imagens contribuem para que atletas sejam levados a julgamentos e muitas vezes punidos, desfalcando suas equipes no decorrer de um campeonato. Mas também podem flagrar agressões, que o arbitro não viu.

Sabe-se que a tecnologia ainda não é totalmente aceita no futebol, ao contrário do que acontece em muitos outros esportes no mundo. A Fédération Internationale de Football Association (FIFA), fundada em 1904, é ainda conservadora, e mantém as bases de suas regras.

Apenas em julho de 2012, a FIFA decidiu implantar um chip na bola que emite um alerta instantâneo aos árbitros quando a bola ultrapassa a linha do gol e foi testado pela primeira vez no Mundial de Clubes da FIFA, realizado no Japão, em dezembro. Após a aprovação, foi usado também na Copa das Confederações de 2013 e será usado na Copa do Mundo de 2014, ambas no Brasil.

A escolha por discutir a utilização de imagens de TV no STJD, se dá pelo fato de que muitos casos tem causado polêmica, após determinados lances não serem punidos e nem mesmo relatados em sumula pela arbitragem, mas a partir das imagens de TV serem denunciados pelos Tribunais de Justiça.

Foram relatados nessa pesquisa, alguns casos do Campeonato Brasileiro de Futebol e também do Campeonato Carioca, em que só foram levados ao Tribunal após a TV mostrar e a procuradoria denunciar e outros em que os clubes contestam que as imagens ajudaram a arbitragem a tomar decisões o que é proibido pela FIFA.

Para dar continuidade a essa pesquisa, no capítulo 2 apresentamos a história do futebol, desde quando ele chegou ao Brasil, como ele se popularizou e se tornou o esporte favorito dos brasileiros. Antes praticado apenas pela elite, o futebol se expandiu entre as camadas populares e ao longo dos anos, vários clubes foram sendo criados, e alguns conquistaram uma imensa torcida. Além disso, apresentamos um histórico das competições do futebol brasileiro e como um jogador de futebol se torna um ídolo.

No capítulo 3, mostramos o crescimento do jornalismo esportivo. Essa editoria, antes tratada como algo de pouca importância, foi conforme crescia o interesse do brasileiro pelo futebol, conquistando um grande espaço na mídia. Programas esportivos na TV aberta, criação de canais fechados especializados no assunto, revistas e periódicos voltados exclusivamente para o esporte, e ser um dos principais assuntos na internet, principalmente nas redes sociais.

No capítulo 4, há um resumo das principais regras do futebol, criadas em *Cambridge*, na Inglaterra e que constituem até hoje a base das regras. Em 1904, surge a FIFA, que junto a *International Football Association Board (IFAB)*, tinha o poder de modificar as leis do jogo, desde que tivesse 75% dos votos. Apresentamos ainda, como surgiu umas das figuras mais importantes em uma partida de futebol: o árbitro. Inicialmente, sem grandes poderes, o árbitro foi tornando-se de extrema importância para a continuidade de um jogo, ao longo dos anos e com a evolução das regras. Nesse capítulo, como a tecnologia tem ajudado a diminuir erros e polêmicas em vários esportes ao redor do mundo e como poderia ajudar o futebol. Por fim, apresentamos um histórico da legislação esportiva e as principais alterações no Código Brasileiro de Justiça Desportiva e como funciona o Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

Para realizar a análise no capítulo 5, relatamos algumas das polêmicas na imprensa brasileira. Ao mostrar esses lances, analisamos se ao serem denunciados ao STJD pelas imagens de TV, há algum tipo de prejuízo a determinado clube, ao ter algum jogador suspenso e impedido de atuar no campeonato em que disputa. Para essa análise, usamos as bases do Código Brasileiro de Justiça Desportiva e declarações dadas a imprensa, dos envolvidos nos casos relatados.

2. O FUTEBOL CHEGA AO BRASIL

O futebol faz parte da cultura e da identidade brasileira. O esporte, antes praticado pela elite, se espalhou rapidamente por todas as camadas da sociedade. “Os brasileiros inventaram um estilo exuberante e requintado que estabeleceu um padrão inatingível para o resto do mundo”. (BELLOS, 2003 p. 9)

O futebol chegou ao Brasil em 1894 trazido pelo paulistano Charles Miller, que conheceu o esporte no tempo em que morou na Inglaterra. Segundo André Ribeiro, Miller trazia consigo duas bolas, uma bomba para enchê-las, um par de chuteiras e um livro de regras. Porém, Miller descobriu que o futebol não era muito conhecido no país. “Foi um choque. Na Inglaterra, onde jogava num clube escolar, o futebol era amplamente divulgado, até mesmo em jornais da cidade de Southamptom” (RIBEIRO, 2007 p. 19).

Aos poucos Miller foi organizando partidas entre clubes de jovens da elite da cidade de São Paulo e “seis anos depois da chegada de Miller a São Paulo, a cidade já contava com cinco equipes organizadas: SPAC, Paulistano, Germânia, Internacional e Mackenzie” (RIBEIRO, 2007 p 20).

No Rio de Janeiro, o futebol começou a ficar conhecido quando Oscar Cox retornou da Suíça, em 1897 onde estudava, com a ideia de montar um time de futebol. Mas só em 1901 quando retornou de Londres, é que conseguiu colocar suas ideia em prática e colaborar para enraizar a cultura do futebol no Brasil. O primeiro jogo entre cariocas e paulistas aconteceu em 19 de outubro de 1901, no campo do São Paulo Athletic. O placar do jogo ficou empatado em 1 a 1. Um dia após esse jogo, os dois times entram em campo para mais uma partida, que também terminou em empate, só que dessa vez, 2 a 2. A partir dai os cariocas e paulistas passaram a fazer articulações entre si para promover o esporte em suas cidades.

Nogueira (2006 p. 9) afirma que o futebol ainda não era unanimidade e era tema de constante debate. Em 1921, o escritor Graciliano Ramos não acreditava que futebol pudesse dar certo: “o futebol não pega, tenham certeza. Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho”. Ainda segundo o autor, em 1920, foi criada pelo escritor Lima Barreto, a “Liga contra o Football”, que era contra o esporte por acreditar que ele era imbecil e ignorante.

2.1 AS COMPETIÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO

O esporte foi ganhando espaço, mas as classes menos favorecidas ainda eram excluídas da prática do futebol. Para impedir que a população de classe baixa tivesse acesso aos jogos passou-se a tratar o futebol como um negócio. Assim, segundo Ribeiro (2007), foi criada a primeira Liga do Futebol Paulista e para assistir as partidas, a Liga passou a cobrar ingressos a dois mil réis na época.

No Rio de Janeiro, em 1906 foi criada a Liga Metropolitana, que foi responsável pela organização do Campeonato Carioca, daquele ano. Foi a partir de 1910, que a classe baixa da sociedade começou a ter acesso um pouco mais amplo ao futebol.

Tudo estava mais fácil. Os primeiros clubes de “massa” começavam a surgir, no Rio e em São Paulo. Na capital paulista, apareceram os times que se tornariam paixão popular, como Corinthians, Palestra Itália (futuro Palmeiras) e Santos. Na capital da República, nascia o Flamengo. (RIBEIRO, 2007 p. 40).

Em 1916, foi criada a Confederação Brasileira dos Desportes (CBD), que em 1979 seria substituída pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A partir da criação das confederações nacionais e internacionais, o futebol passa a ter inúmeras competições. Em 1916, por exemplo, foi criado Campeonato Sul-Americano de Seleções, organizado pela Confederação Sulamericana de Futebol (Conmebol), que a partir de 1975 começou a ser chamada de Copa América.

O torneio é o mais antigo de seleções do mundo e teve sua primeira edição disputada na Argentina, vencida pelo Uruguai¹. A Seleção Brasileira conquistou seu primeiro título continental, na terceira edição em 1919.

Porém, a mais importante competição de seleções foi criada em 1928, pelo francês Jules Rimet: a Copa do Mundo da FIFA. O mundial era realizado de quatro em quatro anos, em diferentes países. A primeira edição foi realizada no Uruguai, em 1930, com a participação de apenas 16 seleções e foi vencida pela própria seleção uruguaia.

Em 1946, o Brasil foi escolhido como sede da Copa de 1950. A competição ficou marcada pela final disputada na maior estádio do país, o Maracanã entre Brasil e Uruguai. A seleção canarinho foi derrotada por 2 x 1 em um episódio que ficou conhecido como Maracanazo. Oito anos depois, na Suécia, o Brasil conquista seu primeiro título de Copa do Mundo, e ganha também seu maior ídolo no esporte: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

Na década de 50, a Copa Rio era disputada em um formato parecido com o Mundial de Clubes da FIFA. O torneio foi disputado em 1951 e 1952 e contou com 8 equipes, entre times brasileiros e internacionais. O Palmeiras bateu a Juventus na final de 1951 e o Fluminense derrotou o Corinthians na final de 1952, sendo os dois times os únicos campeões dessa competição.

De acordo com Helal (1997), os anos 60 foram o ápice do futebol brasileiro. Além das conquistas dos mundiais de 62 e 70, o Santos, de Pelé, conquista a Taça Libertadores, competição sulamericana organizada pela Conmebol a partir de 1960 e no mesmo ano tona-se campeão da Copa Intercontinental, que era o Mundial de Clubes da época, disputado entre o campeão da Libertadores e da Liga dos Campeões da Europa.

¹ Disponível em <http://www.conmebol.com/pt-br/content/o-torneio-continental-mais-antigo-do-mundo-0> Acesso: 04 jun. de 2013.

Há também o recorde oficial de público no estádio em uma partida entre clubes: 177.020 pagantes no Maracanã para a final do Campeonato Carioca de 1963. No âmbito nacional, em 1959, realiza-se a primeira competição nacional, conhecida como Taça Brasil, organizada pela CBD. O torneio foi disputado até o ano de 1968 e teve o time do Bahia como seu primeiro campeão. Em 1967, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa foi criado como mais uma competição de nível nacional e foi disputado até 1970, tendo o Palmeiras como o seu primeiro campeão.

Em 1971 foi criado o Campeonato Brasileiro, organizado pela CBF, que se tornou o principal campeonato nacional, consagrando o Atlético Mineiro como campeão em sua primeira edição. Durante sua história, o campeonato sofreu diversas mudanças em sua forma de disputa e, a partir de 2003, passou a ter o formato de pontos corridos, utilizado até hoje.

No início da década de 80, mais dois times brasileiros vencem a Copa Libertadores da América e o Mundial de Clubes: o Flamengo em 1981 e o Grêmio em 1983.

Em 1987, é fundado o Clube dos Treze, que tinha o nome oficial de União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro. A entidade foi criada com o objetivo de defender os direitos políticos e comerciais dos principais times do futebol brasileiro. Eram eles Internacional, Grêmio, Cruzeiro, Atlético-MG, São Paulo, Santos, Corinthians, Palmeiras, Bahia, Vasco da Gama, Botafogo, Flamengo e Fluminense. Nesse mesmo ano, os clubes se uniram para realizar a Copa União que substituiu o Campeonato Brasileiro de 1987. A competição tinha dois módulos: O Módulo Verde ou Troféu João Havelange foi vencido pelo Flamengo e o vice-campeão foi o Internacional; no Módulo Amarelo ou Troféu Roberto Gomes Pedrosa, teve como campeão o Sport e vice o Guarani.

Campeões e vices formariam o quadrangular final. Flamengo e Internacional, porém, não quiseram participar e foram eliminados por WO. Sport e Guarani fizeram a final em dois jogos, e assim o Sport consagrando-se campeão brasileiro de 1987².

Em 1989 é criada a primeira Copa do Brasil, torneio que garante ao campeão uma vaga na disputa da Taça Libertadores da América. O Grêmio foi o primeiro a faturar o título dessa competição.

Nos anos 90, o São Paulo Futebol Clube, conquista por duas vezes em 1993 e 1994 os títulos da Libertadores e Mundial. Em 1997, 1998 e 1999, Cruzeiro, Vasco da Gama e Palmeiras levantam a Taça Libertadores, mas são derrotados na final do Mundial de Clubes.

Desde a conquista do tricampeonato mundial em 70, no México, o Brasil amargou um longo jejum de títulos. A Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, depois de sucessivos desastres veio para trazer novos ídolos para o futebol brasileiro, como Romário e Bebeto.

Em 1998, o Brasil chega mais uma vez a final de Copa do Mundo. A Seleção chegava como a grande favorita, não só pela conquista do último mundial, mas também pelo elenco que tinha o então melhor jogador do mundo, Ronaldo Nazário. Porém, a grande esperança brasileira teve uma convulsão foi escalado mesmo sem ter 100% de condições, na final diante da França. Zidane brilhou e o Brasil foi derrotado.

²- O caso teve ampla repercussão, sendo levado a Justiça pelo Flamengo, que exigia ser reconhecido como campeão. Em 21 de fevereiro de 2011 a CBF decide declarar Flamengo e Sport como campeões de 1987 tendo como vice-campeões, respectivamente, Internacional e Guarani. Porém, no dia 14 de junho de 2011 a CBF acatou a decisão da 10ª Vara da Justiça Federal de Primeira Instância da Seção Judiciária de Pernambuco e revogou a resolução que considerava o Flamengo como campeão. Assim, apenas o Sport Club do Recife era reconhecido como campeão brasileiro de futebol de 1987.

Em 2000, a FIFA cria um novo formato para o Mundial de Clubes, que agora passaria a ser disputado por todos os campeões continentais. A primeira edição foi disputada no Brasil e consagrou o Corinthians como campeão. São Paulo em 2005, Internacional em 2006 e novamente o Corinthians em 2012 foram os times brasileiros que ganharam o Mundial.

Em 2002, a seleção teve a chance de se redimir da Copa de 1998. Dessa vez, na Copa disputada na Coreia do Sul e no Japão, Ronaldo esteve em campo e foi decisivo na final contra a Alemanha. O Brasil foi a primeira e por enquanto única seleção a chegar ao pentacampeonato mundial.

Em 2006 e 2010 a Seleção Brasileira voltou a fracassar e não conseguiu nem chegar à final. Atualmente, o país se prepara para receber sua segunda Copa do Mundo em 2014.

2.2 A CONSTRUÇÃO DOS ÍDOLOS

O futebol é um esporte que mexe com a emoção do torcedor. Em uma mesma partida, um jogador pode ir de herói a vilão. Alguns atletas ganham notoriedade, passam a receber salários extraordinários e viram produtos de publicidade, capazes de fazer os fãs comprarem tudo que estiver vinculado ao seu nome.

A figura do herói esportivo, veiculada pela mídia e instituída no imaginário social, adquire o status da resposta possível para superar as frustrações do insucesso social, e tornar os indivíduos aceitos pela sociedade tanto econômica – quanto efetivamente (nessa ordem), captando assim os desejos populares de ascensão social. (PICH, 2003, p.203)

O atleta, muitas vezes, é colocado pela mídia como um símbolo de perfeição, como pessoas capazes de superar os maiores obstáculos para chegarem aonde chegaram. Assim, cria-se a figura do mito no futebol. Jogadores são endeusados e suas imagens

exaustivamente utilizadas pelo mercado publicitário, a fim de impulsionar as vendas de seus produtos. Barthes (1987) tem um conceito de mito que diz que

[...] já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. Será necessário, mais tarde, impor a esta forma limites históricos, condições de funcionamento, reinvestir nele a sociedade: isso não impede que seja necessário descrevê-la de início como forma (BARTHES, 1987, p. 131).

A imprensa é a grande responsável por transformar esportistas em celebridades. Ser boa apenas, não basta para ser ídolo de uma nação, é preciso estar presente na mídia para conquistar o reconhecimento. O inglês David Beckham, por exemplo, é um dos maiores fenômenos de marketing do mundo. Ao longo dos anos, sua imagem era cada vez mais forte na mídia e a legião de fãs só crescia. Até uma mudança de visual do jogador vira notícia.

A grande dificuldade é permanecer como um ídolo nacional. As circunstâncias podem tornar um jogador herói ou vilão. Chegar à seleção e conquistar títulos é uma forma de se consagrar. Alguns jogadores não foram fenômenos de mídia e publicidade, mas se tornaram ídolos pelo futebol apresentado. Rivaldo é um exemplo claro disso. Campeão mundial com a Seleção Brasileira em 2002, o jogador é considerado um dos mais importantes nomes do esporte no Brasil, mesmo não estando mais em evidência. Os exemplos de jogadores que fizeram a diferença na construção dos ídolos no futebol nacional são os mais diversos.

Em 1919, o Brasil conquistou seu primeiro título de Copa América. Os negros ainda tentavam driblar o racismo e ser aceitos em um esporte ainda elitista. Porém, esse título teve um gosto diferente. Arthur Friedenreich, mulato filho de um alemão, marcou o gol da vitória sobre o Uruguai na grande final. Friedenreich tornava-se herói de uma nação.

Mário Filho diz que Friedenreich não se tornará herói simplesmente por ter marcado o gol da vitória, mas sobre tudo por ser mulato. A raça de Friedenreich o identifica com a massa do povo brasileiro. Apoiando-se em Freyre, Mário Filho diz que o imaginário popular prefere acariciar um herói ou santo com barba e cabelo carapinha do que um louro de olhos azuis (Rodrigues Filho, 1964, p54). Friedenreich, segundo Mário, teria feito o povo descobrir que “o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro.” (Helal, Soares, Lovisollo, 2001 p.19).

Friedenreich foi o primeiro de muitos negros que começaram a ganhar destaque no cenário nacional. Na década de 30, Leônidas da Silva, conhecido como “Diamante Negro” também ganhava grande status entre jornalistas da época. O jogador está presente inclusive no livro do jornalista Mário Filho “O negro no futebol brasileiro”, que fala sobre a trajetória dos negros no cenário do futebol brasileiro.

Até então nenhum grande clube pensava no preto para ganhar campeonato. Todo mundo convencido de que o branco jogava mais que o preto. A prova estava ali: só time de branco era campeão: Fluminense, Flamengo, América, Botafogo. (FILHO, 2003, p 110)

Leônidas foi o grande nome do Brasil, na disputa da Copa de 1938. E o país que ainda se acostumava às Copas do Mundo, não o culpou pela derrota. Leônidas foi o artilheiro com oito gols e a Seleção alcançava um inédito terceiro lugar.

Em 1956, o Santos Futebol Clube faz a contratação de um atleta, nascido em Três Corações e que jogava futebol em Bauru, onde morava: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. O jogador foi convocado aos 17 anos para a Seleção Brasileira em 1958 em uma preparação que levou o time a uma conquista inédita: a Copa do Mundo. Pelé esteve presente também no time que levantou o caneco de 1962, no Chile, mas jogou apenas duas partidas, devido a uma contusão que o tirou do restante da competição e também participou da conquista do Tri, em 1970, no México. Foi o primeiro a marcar 1000 gols e é considerado o maior jogador de todos os tempos no Brasil, sendo chamado de “Rei do Futebol”.

Manuel Francisco dos Santos, conhecido como Mané Garrincha, é outro exemplo de um jogador que se tornou ídolo de uma nação. O “Anjo das pernas tortas”, como ficou conhecido, chegou ao Botafogo em 1953, time que defendeu durante doze anos. Em sua primeira temporada como profissional do time, marcou 20 gols em 26 partidas, sendo artilheiro do Campeonato Carioca. Em 1958, estava no elenco que disputou a Copa. Foi ao lado de Pelé decisivo para a conquista. Em 1962, com a contusão do “Rei do Futebol”,

Garrincha foi o grande nome da seleção naquela Copa. Em janeiro de 1983, o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou um crônica no Jornal do Brasil, onde exaltava o ídolo³.

Resta à maravilhosa lembrança de suas incríveis habilidades, que farão sempre sorrir a quem as recordar. Basta ver um filme dos jogos que ele disputou: sente-se logo como o corpo humano pode ser instrumento das mais graciosas criações no espaço, rápidas como o relâmpago e duradouras na memória. Quem viu Garrincha atuar não pode levar a sério teorias científicas que prevêem a parábola inevitável de uma bola e asseguram a vitória — que não acontece..

Na década de 70, o Flamengo ganha seu herói. Arthur Antunes Coimbra, o Zico. O jogador fez sua estreia com a camisa do Flamengo em 1971, mas só se firmou no time titular em 1974, quando ganhou o apelido de “Galinho de Quintino”. A partir daí, começaria a “Era Zico” no Flamengo, que culminaria no único título da Libertadores e Mundial do time em 1981. Zico, porém, viveu um momento amargo com a camisa da Seleção Brasileira. Convocado para a Copa de 1986, o jogador perdeu um pênalti contra a França, nas quartas de final, quando o jogo ainda estava empatado em 1x1. Com o empate persistindo, o jogo foi para as semifinais e o Brasil acabou eliminado. Essa foi a última partida de Zico com a camisa da Seleção, tendo perdido apenas uma partida em 1982 contra a Itália. Apesar do pênalti perdido, Zico não chegou a carregar a culpa pela eliminação, devido ao seu talento e status de ídolo que já havia conquistado no futebol nacional.

Nos anos 80, surge Romário, que iniciou sua carreira em 1985 no Vasco da Gama, onde começou a chamar atenção ao se tornar artilheiro do Campeonato Carioca daquele ano. Sua primeira convocação para a Seleção Brasileira foi em 1988, para as Olimpíadas de Seul, onde Romário terminou como artilheiro. Mas seu grande momento foi na Copa do Mundo de 1994, quando o jogador foi destaque da Seleção Canarinho que conquistou o título nos Estados Unidos.

³ Disponível em http://www.germinaliteratura.com.br/sibila2005_manesonho.htm Acesso em: 09 jun. 2013

Romário entrava para a história do futebol nacional. Helal (2003) descreve em seu artigo o trecho de uma reportagem do jornal o Globo com o nome de “Romário, o nome do tetra verde e amarelo”, em que o jogador é exaltado como o grande responsável pela conquista da Copa de 1994.

O tetracampeonato tem nome, sobrenome e origem: Romário de Souza Faria, de 28 anos, nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha. Por isso mesmo, o tetra não poderia ser mais brasileiro, mais verde e amarelo. A trajetória de Romário é a cara do futebol do país. Dos campinhos de terra batida de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA... o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial (...) (<http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D2308.dir/13Helal.pdf>).

Após o título mundial, o baixinho na época defendendo as cores do Barcelona, é eleito o melhor jogador do mundo da Fifa. Romário ainda teve passagens por outros dois times cariocas, Flamengo em 1995 e Fluminense em 2002. Mas Romário passa pelo Vasco, time onde era incontestável ídolo, mais três vezes: em 1999, em 2005 e em 2007. Na última passagem, ele busca seu milésimo gol, que acontece no dia 20 de maio de 2007, em São Januário, cobrando pênalti diante do Sport. Romário é segundo jogador a atingir a marca dos mil gols no futebol brasileiro.

Nos anos 90, o futebol brasileiro é apresentado a Ronaldo Luiz Nazário de Lima, ou simplesmente Ronaldo. O jogador de infância pobre começou no São Cristovão e, em 1993 foi jogar no Cruzeiro, com 16 anos. Destaque do time no Campeonato Brasileiro daquele ano, Ronaldo foi chamado para a Seleção, que disputou a Copa em 1994, ficando na reserva naquela ocasião. Antes da Copa de 94, transferiu-se para o PSV da Holanda. Em 1996, Ronaldo foi para o Barcelona, onde foi eleito pela primeira vez o melhor jogador do mundo pela FIFA.

No ano seguinte o jogador vai para a Internazionale de Milão, ganhando o apelido de Fenômeno e conquistando mais uma vez o título de melhor do mundo. Com a proximidade

da Copa de 1998, na França, Ronaldo era a grande esperança para seleção no torneio. Um país inteiro o idolatrava. Porém, uma convulsão comprometeu sua atuação diante dos anfitriões, sendo um dos casos mais polêmicos do futebol brasileiro.

Aquele era a rigor, um momento para dúvidas. A carreira de um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos havia se transformado em incógnita. Ronaldo tinha um desempenho tão excepcional em campo que ainda impressionava muito depois de dois anos de má fase. (CALDEIRA, 2002, p. 280)

Em 2000, em jogo válido pela decisão da Copa da Itália, contra a Lazio, seu joelho direito torceu no primeiro drible, saindo do lugar. Foram quinze meses de recuperação até a volta por cima em 2002, quando comanda a Seleção que levanta a taça de seu pentacampeonato, marcando os dois gols da final contra a Alemanha. Ronaldo se tornava o herói de um país novamente. “Com tudo em vista, o gol aparentemente fácil ganha outro significado. Ronaldo fez um gol fácil porque começou a correr atrás dele antes dos adversários e colheu o imenso prêmio de seu vislumbre.” (CALDEIRA, 2002, p. 11).

O jogador se transferiu para o Real Madrid em 2002 e mais uma vez, foi eleito melhor jogador do mundo. Ronaldo ainda jogou pelo Milan em 2007 e, em 2009 voltou ao Brasil para atuar pelo Corinthians, conquistando os títulos Paulista e da Copa do Brasil, tornando-se um dos maiores fenômenos de marketing do time do Parque São Jorge.

Depois do Fenômeno, o Brasil passaria por um tempo esperando pela formação de um novo ídolo. Em 2003, as categorias de base do Santos, tão conhecidas pela revelação de novos talentos, ganham um jogador que é tratado como joia. Neymar da Silva Santos Júnior, ou simplesmente Neymar, faz sua primeira partida como profissional do Santos em 2009, aos 17 anos pelo Campeonato Paulista, diante do Oeste. Assim, Neymar começava a ser conhecido pelo povo brasileiro. Nesse mesmo paulistão, o jogador encarou o Palmeiras nas semifinais, marcou um dos gols do primeiro jogo na Vila. O Santos eliminou o Verdão e mesmo perdendo o título na final contra o Corinthians, Neymar foi eleito a revelação do campeonato.

Porém, Neymar foi ganhar notoriedade em 2010. Ao lado de Paulo Henrique Ganso e Robinho, os “Meninos da Vila” tiveram uma temporada quase perfeita. Com goleadas aplicadas na Copa do Brasil, como o 10x0, contra o Naviraiense e 8x1 sobre o Guarani, o time conquistou os títulos do Paulistão e da Copa do Brasil. Em 2011, o Brasil já estava encantado por seu futebol e Neymar já era considerado por muitos como o melhor jogador em atividade no país. Nesse ano, o Santos foi bicampeão paulista e Neymar conquistou com o time seu primeiro título de Libertadores. Pela Seleção, foi campeão e artilheiro do Campeonato Sul-americano Sub 20. Em 2012, foi campeão paulista pela terceira vez, conquistou a Recopa Sul-americana e foi medalha de prata com a Seleção nas Olimpíadas de Londres.

Mas Neymar se tornou muito mais do que um excelente jogador dentro de campo. Fora dele, atraía todos os holofotes. O jogador passa a estar sempre envolvido em campanhas publicitárias, participação em eventos e até gravação de clipes musicais. Todo esse marketing parte da aceitação do atleta pela torcida brasileira. Cada corte de cabelo do atleta vira moda. Toda coreografia que ele cria para comemorar um gol vira tendência. Neymar virou o principal nome do mercado publicitário brasileiro, estrelando vários comerciais.

Em julho de 2013, conquistou seu primeiro título com a Seleção principal: a Copa das Confederações, na final contra a Espanha. Ao final de maio de 2013, Neymar foi contratado pelo Barcelona, por 57 milhões de euros (cerca de R\$ 159 milhões), tornando-se a transferência mais cara do futebol brasileiro e a segunda mais cara do futebol catalão.

Desde a chegada do futebol ao Brasil até a formação dos ídolos fez com que o país se tornasse referência no esporte. O Campeonato Brasileiro é tido com um dos mais difíceis do mundo e o país é um dos que mais exporta jogadores⁴.

⁴<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/12/brasil-e-o-pais-que-mais-exporta-jogadores-diz-estudo.html> Acesso em: 06. jul. 2013

3. A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

A popularização do futebol no Brasil se deu graças a sua divulgação entre os meios de comunicação. A formação de ídolos, as conquistas dos times e seleções passariam a ser destaque primeiramente, nos jornais, depois no rádio e por fim na TV.

3.1 O ESPORTE GANHA AS PÁGINAS DOS JORNAIS

No início do século XX, a imprensa não dava tanto espaço ao esporte como hoje em dia. Segundo Ribeiro (2007), a primeira publicação esportiva teria sido criada em 1856 com “O Atleta”, que passava receitas para aprimorar a parte física, no Rio de Janeiro. Havia outros jornais sobre esporte, como “O Sport” e “O Sportsman”, em 1885, ambos do Rio de Janeiro. Em São Paulo, surgia em 1891, A Platea Esportiva, e em 1898 a revista O Sport e o jornal Gazeta Esportiva, porém em nenhuma dessas publicações, o futebol era notícia. O espaço era dedicado a esportes, como turfe, ciclismo e regatas.

Quando Charles Miller chegou ao Brasil, com a intenção de trazer o futebol para o país, a mídia dava muito mais atenção a questões políticas e não havia espaço para se falar de esporte. A divulgação se dava de acordo com o crescimento dele. De início, era complicado ver grandes jornais colocando notas sobre o assunto em suas páginas. Paulo Vinicius Coelho (2004) observou que os grandes profissionais não davam ênfase a essas notícias e, muitas vezes sobrava para os repórteres novatos executarem essa tarefa.

Uma das primeiras publicações sobre o futebol aconteceu a partir do jornal Fanfulla, de origem italiana, e que noticiava o esporte entre a colônia na cidade de São Paulo.

Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Um aviso não muito pretensioso de uma das edições chamava-os a fundar um clube de futebol. Foi assim que nasceu o Palestra Itália, que se tornaria Palmeiras, décadas mais tarde. (COELHO, 2003, p. 08)

O jornal O Estado de S. Paulo, foi um dos primeiros a noticiar o esporte em suas páginas, graças a Mario Cardim que era repórter do jornal e se uniu a Miller no objetivo de divulgar o futebol. Com a criação da Primeira Liga de Futebol de São Paulo em 1902, o esporte ganhava força no Estado e passava a estar cada vez mais presente nos jornais paulistas.

Quando Oscar Cox levou o futebol para o Rio de Janeiro, os jornais não se interessavam em divulgar nada sobre o assunto. Ribeiro (2007) diz que no primeiro jogo entre as equipes, do Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, que eram as únicas do Estado, foi publicada apenas uma nota em uma coluna no jornal Correio da Manhã.

Com a criação dos principais clubes nas capitais, criava-se também a rivalidade, entre times e torcidas. Depois a rivalidade entre os meios de comunicação, o bairrismo como passou a ser chamado.

A mídia constrói e formata um discurso sobre o futebol assentado nas falas dos outros atores, profissionais e torcedores, e o faz utilizando-se de estratégias técnicas e ideológicas desse discurso. Todavia o futebol (e todas as suas formas de jogar e dele usufruir) está impregnado a um cotidiano não necessariamente imobilizador, aparecendo como um fenômeno discutido e experimentado por muitos, mesmo entre aqueles que pouco conhecem de sua história ou de suas regras, ou o desempenho dos próprios times. (TOLEDO, 2000, p. 19).

Aos poucos, o esporte se difundiu e, em 1920, o Vasco aceitou jogadores negros⁵ em seu time pela primeira vez, fato que contribui para desestilizar o futebol no Brasil.

Assim, o futebol tornava-se a paixão. “Os estádios viviam lotados, com rendas jamais vistas, e, claro, os jornais vendiam feito água. Até mesmo, novas revistas específicas de esporte eram criadas ou ampliadas, como a Revista Sport Ilustrado e a Revista do Esporte” (RIBEIRO, p.58).

⁵ A importância do Vasco, nesse caso, acontece porque em 1923, o time conquistou o campeonato carioca com jogadores negros em seu elenco pela primeira vez. Mas outros times, como o Bangu, por exemplo também tinha jogadores negros atuando.

As coberturas não tinham mais imparcialidade, movidas pelo sentimento que o esporte causava. Assim, o futebol brasileiro ganha a figura do cronista esportivo. Em 1917, foi criada a Primeira Associação de Cronistas Esportivos. Mário Cardim é quem se responsabiliza por anunciar a criação da Associação em São Paulo.

Quem sabe daqui para frente esses aproveitadores interessados apenas em ganhar dinheiro com o futebol parem com a exploração de nossos craques. Espero também que a imprensa carioca não fique apenas na divulgação das novas regras, mas defenda esses ideais em suas páginas. Por falar em imprensa, em São Paulo acaba de ser criada a Associação dos Cronistas Esportivos. Estamos em 1917 e já era hora de nos organizarmos. (RIBEIRO, 2007 p. 48).

Em 1928, é lançada a Gazeta Esportiva, que fazia parte do jornal A Gazeta, no qual havia duas páginas destinadas à cobertura do esporte. Antes lançado somente às segundas-feiras, com o sucesso da editoria de esportes, ele passou a circular também aos sábados. A partir de 1947, A Gazeta Esportiva virou um jornal diário e se tornou um dos mais importantes veículos do jornalismo esportivo no país.

Em 1931, surge o primeiro periódico diário de esporte no Brasil. Criado pelo jornalista Argemiro Bulcão, o Jornal dos Sports veio com a ideia de fazer um jornalismo diferente. E o diferencial do jornal estava em um jovem cronista que aceitou trabalhar para Bulcão. (RIBEIRO, 2007). Mário Filho mudou a forma de se escrever crônicas, fazendo-as de forma mais dramática e romantizada, colaborou para que as vendas do Jornal dos Sports subissem. Em 1936, Mário Filho comprou o Jornal dos Sports, tornando-o referência no cenário esportivo durante os 30 anos que durou. O jornal teve fim em 2007.

A verdade é que o esporte mais popular do planeta causava no torcedor as mais diversas emoções; raiva, euforia, tristeza, alegria. Em uma de suas crônicas, Nelson Rodrigues sintetizou essa paixão, tendo como exemplo a final do Mundial Interclubes de 1963 entre Santos e Milan no Maracanã: “O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime na vitória do Santos é que atrás dela há o homem brasileiro, com o seu peito largo, lustroso, homérico.” (RODRIGUES, 1993, p. 103). O leitor

tinha a oportunidade de imaginar através das colunas um jogo mágico em que os atletas eram endeusados e tratados como guerreiros.

Mário Filho e Nelson Rodrigues foram os responsáveis pela editoria de esportes do Jornal O Globo. Segundo André Ribeiro, “O prestígio do cargo ocupado em O Globo permitia contato direto com fontes preciosas, principalmente dos dirigentes esportivos”. (RIBEIRO, 2007, p.75). Nos anos 60, O Globo tinha uma concorrência acirrada no caderno de esportes com o Jornal Do Brasil. Segundo (RIBEIRO, 2007), nessa época o JB vendia cerca de 150 mil exemplares por dia. Os jornais chegaram a fazer um acordo, em que o Globo não circularia aos domingos e o Jornal do Brasil não circularia às segundas.

Após o período da ditadura militar, o país ganha mais um importante caderno de esporte: o do Jornal da Tarde, que começou a circular em 1966. O JT acirrou ainda mais a concorrência entre os jornais esportivos. No início, o jornal vendia 80 mil exemplares, com o tempo, passou a vender 130 mil.

O jornalismo impresso ganha na década de 70, a sua mais importante revista especializada em esporte: a Placar. A revista pertencia à Editora Abril e trazia um jornalismo mais elaborado, com reportagens especiais e repórteres que investiam em maiores apurações. Logo na sua primeira tiragem, a Placar vendeu 500 mil exemplares, provando que o jornalismo esportivo brasileiro podia manter uma revista especializada.

O sucesso da revista Placar impulsionou o jornalismo esportivo especializado. Em 1997, é criado o jornal Lance!, no Rio de Janeiro e em São Paulo. O jornal era no formato tabloide, todo colorido e era sustentado por empresas interessadas em investir no jornalismo esportivo brasileiro. Walter Mattos Junior, empresário responsável pela criação do jornal, acreditava que, em um ano, eles pudessem chegar a 120 mil exemplares. Mas o tabloide enfrentou alguns problemas antes de atingir a meta.

As previsões iniciais dos donos do Lance! tiveram de ser refeitas menos de um ano após seu lançamento, quando 35% dos seus custos precisaram ser cortados. Mas depois do susto inicial o Lance! nunca mais parou de crescer. Em dois anos sem muito esforço, a meta de 120 mil exemplares diários estava cumprida. Enquanto os outros diários esportivos de formato tradicional, como Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro e Gazeta Esportiva, em São Paulo, andavam muito mal das pernas, o tabloide, formato tão polêmico no Brasil, dava resultado surpreendente. (RIBEIRO, 2007 p.292)

Os jornais do Brasil precisavam a todo instante se reinventar para acompanhar o crescimento dos outros veículos de comunicação como a internet, rádio e TV. As reportagens investigativas e mais bem apuradas e o uso de infográficos, por exemplo, começaram a ser utilizadas com maior frequência pelo jornalismo impresso.

3.2 O ESPORTE NAS ONDAS DO RÁDIO

O crescimento do futebol no Brasil e as diversas publicações impressas sobre o assunto fizeram com que outros veículos também dessem espaço ao esporte. O rádio surgiu no início do século XX. No Brasil, o rádio teve sua primeira transmissão em 07 de setembro de 1922, quando o pronunciamento do Presidente da República, Epitácio Pessoa foi transmitido para cerca de 80 receptores, através de um transmissor de 500 watts, instalados no alto do Corcovado. Em abril de 1923, Roquete Pinto e Henry Morize fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC.

No início predominava o amadorismo. O jornalismo esportivo tinha um espaço, mas não como transmissões, apenas como notas lidas durante a programação.

...pela primeira vez, numa tarde de domingo em abril de 1925, a Rádio Educadora transmitiu os resultados de jogos de futebol da capital, interior... não se tratava de transmissão direta dos jogos, mas sim de telegramas que eram lidos com os respectivos resultados dos jogos mais importantes. (TOTA, 1990 p.44)

Mas foi somente em 1931, que aconteceu a primeira transmissão de uma partida de futebol pelo rádio. Nicolau Tuma, estudante de direito que trabalhava como locutor na Rádio Educadora Paulista transmitiu a partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, pela oitava rodada do Campeonato Brasileiro.

No começo as transmissões eram feitas apenas pelo narrador. Não havia repórter de campo, comentarista e nem plantonista de estúdio. Daí a preocupação de Nicolau Tuma em não parar de falar em momento algum. Ele fazia de tudo para não perder o ritmo, com receio de abrir buracos na transmissão e o ouvinte mudar de estação. (GUERRA, 2012 p. 27)

O sucesso de Nicolau Tuma despertou o interesse de outras rádios. Em 1932, a Rádio Record contratava Tuma para dar início as suas transmissões esportivas. A rádio do empresário Paulo Machado de Carvalho passaria a ter o futebol presente nas tardes de domingo.

Paulo Machado de Carvalho comprou em 1946, a emissora Panamericana e a incorporou à Rede das Emissoras Unidas do Grupo Machado de Carvalho, formada pelas rádios Record, Bandeirantes, São Paulo e Excelsior. A Rádio Panamericana era a primeira rádio especializada em esportes e possuía uma equipe completa para as transmissões, com narradores, comentaristas, repórteres de campo e também um plantonista.

Um dos responsáveis pelo sucesso do departamento de esportes da rádio foi Pedro Luiz Paoliello que, no fim da década de 40, tornou-se chefe do departamento. Segundo (TAVARES, 1999, p. 142), Pedro Luiz era conhecido como “o homem de 11 Copas” por ter narrado por diferentes prefixos paulistas 11 mundiais, sendo um dos mais perfeitos locutores esportivos do rádio brasileiro, em todos os tempos.

Nos anos 50, o rádio ganha a concorrência de mais um meio de comunicação: a televisão. Assim, se viu uma migração considerável de profissionais do rádio para a televisão. Um dos locutores que fez essa transição foi Osmar Santos, que trabalhou na rádio Jovem Pan, em 1972. Osmar tinha o humor como característica e colocava bordões como “Ripa na chulipa”, “pimba na gorduchinha” ; “Por que parou, parou por quê?”, entre outras.

Depois desse sucesso, Osmar Santos foi disputado e acabou se transferindo para a Globo. Segundo (SCHINNER, 2004, p. 46), Osmar Santos mudou a linguagem da TV e do rádio. “sua passagem pela TV Globo fez com que a emissora mudasse sua linguagem junto ao público telespectador, tornando-a bem mais jovem, informal e incorporando bordões às suas

vinhetas de programação”. Em dezembro de 1994, Osmar Santos sofreu um grave acidente de carro e perdeu sua capacidade vocal, mas conseguiu deixar seu nome marcado na história das transmissões brasileiras.

3.3 UMA NOVA FORMA DE SE VER O ESPORTE: A CHEGADA DA TELEVISÃO

A televisão foi criada na década de 30 e em 1948, os Jogos Olímpicos de Londres, foram os primeiros a serem transmitidos ao vivo pela BBC. No Brasil, a TV só foi chegar em 1950. Assis Chateaubriand, que era o maior empresário de comunicação do país, fundou a TV Tupi, no canal 3 de São Paulo. A TV chegaria para modificar a forma de acompanhar o esporte, unindo agora o áudio às imagens. O objetivo da TV era trazer ao público uma transmissão diferente do que ele estava acostumado no rádio, mas no início isso foi uma dificuldade.

As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma forma de narração, que diferenciasse do rádio. Além disso, havia o fato dos primeiros recursos (duas câmeras, normalmente) para a cobertura de um jogo serem considerados limitadores da disponibilidade de imagens e de alternativas para a narrativa, sempre presa ao que o telespectador estava vendo. (GUERRA, 2012 p. 93).

A primeira transmissão no futebol brasileiro aconteceu, um mês após a fundação da TV Tupi. A partida aconteceu no Pacaembu, entre Palmeiras e São Paulo e de acordo com (RIBEIRO, 2007, p. 135) “o público presente ao estádio era milhares de vezes superior ao número de aparelhos receptores”.

Até a chegada da TV, jornais, revistas e o rádio eram responsáveis pela divulgação de notícias sobre o esporte. Mas com a difusão de canais e a produção de cada vez mais aparelhos de TV houve uma mudança. Os cronistas esportivos de rádios e jornais se tornariam narradores na televisão e o torcedor não mais usaria apenas o imaginário, mas poderia acompanhar de fato as jogadas.

Sem o recurso da fantasia, do “direito de mexer com o imaginário” do telespectador apenas com as palavras, como o rádio sempre fez com sucesso, a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações e etc.) (GUERRA, 2012 p. 93 e 94)

Em 1965, surgiu aquela que iria se tornar a maior emissora de televisão do país: a Rede Globo. A primeira transmissão esportiva da emissora aconteceu ainda em 1965, a partir de um desejo do jornalista Teixeira Heizer que elaborou um projeto para a transmissão de um amistoso entre Brasil x União Soviética. A transmissão deu certo e abriu caminho para o jornalismo esportivo na Rede Globo.

Mesmo com todos os recursos, a TV ainda sentia dificuldade para encontrar uma forma de narração que se desvincilhasse da linguagem radiofônica. Na televisão, as jogadas não precisavam mais ser descritas, como no rádio. Foi buscando essa nova forma de linguagem que um narrador conseguiu se destacar. Silvio Luiz incorporou as suas narrações bordões e usou da criatividade para prender o público.

A bola deixava de ser ‘vigiada’ por todo o tempo. Silvio Luiz abandonava o, até então, único modo de se transmitir futebol, e finalmente libertava a imagem na televisão, percebendo o que era evidente: o telespectador estava vendo o que ocorria. Não era preciso dizer o que ele já sabia. [...] Em vez de narrar o óbvio, ele ia além, ampliava os limites da tela, cantando o lance seguinte [...] exatamente como um torcedor na arquibancada (KNOELLER, 2002, p.133).

A narração televisiva estava diretamente ligada às imagens do jogo. Como grande parte dos narradores da TV vieram do rádio, as características do rádio ainda estavam presentes e, muitas vezes, a narração tornava-se redundante, pois o narrador contava exatamente o que a imagem já estava mostrando.

Na década de 80, a TV Globo tentava a hegemonia nas coberturas esportivas. Em 1980, a TV Tupi, concorrente direta foi fechada. A Bandeirantes e a Record ainda estavam na briga pela audiência. Em 1981, a Globo contrata Galvão Bueno para ser o narrador de Fórmula 1. A Record ainda contava com Silvio Luiz, mas como o orçamento era bem menor as dificuldades para superar a concorrência ficavam evidentes.

A maior dificuldade em superar a Globo aparecia nas grandes coberturas, como a da Copa do Mundo, por exemplo. E aí a questão era muito mais financeira. No Mundial da Espanha, em 1982, a emissora carioca demonstrou seu poderio ao comprar com exclusividade os direitos de transmissão para o Brasil, por 14 milhões de dólares. A estrutura montada era de primeiro mundo: 150 profissionais, com estúdios próprios em Madri, além de equipamentos modernos para suprir qualquer exigência das transmissões e reportagens. (RIBEIRO, 2007, p. 254)

Mesmo com a saída de seu principal narrador, Luciano do Vale para a Record e em seguida para Bandeirantes, a Globo continuou líder de audiência. E com o sucesso do jornalismo esportivo na TV, o marketing passou a estar presente nas transmissões. Além de inserções durante os jogos, o próprio jornalista fazia o anúncio. O jornalista da TV Bandeirantes, Milton Neves, é o principal nome envolvido com o merchandising. O apresentador, do Programa Terceiro Tempo tornou-se garoto-propaganda de diversos produtos que são anunciados a cada minuto durante a exibição do programa.

Na década de 90, o brasileiro começa a ter acesso aos canais de TV por assinatura. Em 1991 foi criada a Globosat e no mesmo ano o primeiro canal fechado de esporte: Sportv. A partir daí houve concorrência também entre os canais por assinatura. Em 1993, o Sportv venceu a concorrência com a TVA Esportes, pertencente ao Grupo Abril, pelo direito de transmissão dos principais campeonatos do país. Com a derrota nos bastidores, a TVA foi proibida de entrar nos estádios de futebol e decidiu criar um novo canal de esporte, com uma outra estrutura: assim nascia a ESPN Brasil

Se em décadas passadas todos duvidavam que uma programação esportiva no rádio pudesse fazer sucesso, agora o Brasil, passava a ter um, mas dois canais específicos de esportes na TV a cabo, mas o conteúdo gerado pelas emissoras de canal aberto. (RIBEIRO, 2007, p. 279)

Aos poucos, a TV foi tomando conta do cenário do futebol no Brasil. Contratos com altos valores eram fechados pelos direitos de transmissão e o futebol se tornava algo extremamente lucrativo para clubes, empresários e meios de comunicação.

3.4 O JORNALISMO ESPORTIVO NA ERA DA INTERNET

Na era da tecnologia, a internet tornou-se mais uma ferramenta para o desenvolvimento do jornalismo esportivo. Notícias são postadas nos sites em tempo real e a informação chega muito mais rápido e em qualquer lugar do mundo ela é facilmente acessada, seja de computadores, celulares ou tablets.

Em 1997, com o surgimento do jornal Lance! veio também a versão online, o lancenet.com.br e as informações era postadas com muito mais agilidade. A internet contribui também para as assessorias de imprensa de clubes e federações, por exemplo. Praticamente todos os clubes possuem uma página na web onde são postadas notícias, serviços, promoções entre outras coisas.

Empresas midiáticas estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo midiático pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucros, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público. Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2008, p. 24).

Entre as novidades trazidas pelo jornalismo de internet estão as transmissões em tempo real, à interatividade entre o público e o jornalista e o poder de englobar som, imagem e texto no mesmo meio.

Além dos portais especializados, as redes sociais também são muito utilizadas para a veiculação rápida de informações. Redes como o Facebook e o Twitter contribuíram para a produção de conteúdo e que é compartilhado com muito mais facilidade no mundo todo. Por meio dessas redes sociais, o torcedor pode expor seus sentimentos, suas ideias e opiniões.

As redes sociais na internet surgem, nesse contexto, como um cenário fértil para se pensar na mídiatização empresarial e nas tensões decorrentes desse fenômeno. Isso porque, ao mesmo tempo em que representam novas chances de visibilidade para as organizações se legitimarem diante de seus públicos, essas novas mídias são uma ameaça para os mecanismos tradicionais de gestão da reputação e de comunicação em contextos organizacionais. (MOL, 2012, p. 266)

De acordo com pesquisa divulgada pela Elife⁶ em junho de 2013, quase 100% dos usuários de Internet no Brasil utilizam parte do tempo para acessar redes sociais. Entre as mais acessadas, está o Facebook acessado por 81% dos brasileiros. O Orkut caiu do 2º em 2012, quando 75% das pessoas utilizavam, para o 5º lugar no ranking das redes em 2013, com 57%.

O Facebook foi criado em fevereiro de 2004, pelo empreendedor americano Mark Zuckerberg e tornou-se uma das mais acessadas redes sociais do mundo. o Facebook tem inúmeros perfis pessoais e uma grande quantidade de páginas oficiais de empresas e instituições.

Outra importante rede social surgiu em março de 2006: o Twitter. A plataforma apresenta em sua página inicial um espaço para que o usuário possa se expressar em até 140 caracteres. Uma das ferramentas da rede são os *Trending Topics* (Tópicos da Moda, em tradução livre), que mostram os assuntos mais debatidos no mundo ou em um país em específico, o que faz com que as notícias tenham um alcance enorme, pois podem ser retuitadas, (uma espécie de compartilhamento, como no facebook) rapidamente e rodarem o mundo.

⁶ Disponível em http://elife.com.br/elife_estudo_de_habitos_em_redes_sociais_2013/ Acessado em: 20 jul. 2013

4 – A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS LEIS DO FUTEBOL

O futebol surgiu e junto foram sendo criadas as regras. Sempre que praticado profissionalmente, elas devem ser seguidas a risca para manter a ordem no jogo. As regras atuais foram estipuladas pela Fédération Internationale de Football Association, a FIFA. Antes disso, os atletas utilizavam o senso comum para denominar o que podia ou não ser feito na partida. Mas, depois de algum tempo, foi necessário criar uma forma organizada para os jogos de futebol.

4.1 AS REGRAS DO ESPORTE

Desde que o futebol foi criado, as regras mudaram e evoluíram. Em 1848, numa conferência em Cambridge, na Inglaterra foi estabelecido um código único de regras que serviriam de base para as leis atuais. Mas foi só no dia 26 de outubro de 1863 que, ao fim de seis reuniões na *Freemason's Tavern*, em Londres, nasceu a *The Football Association*, que fez algumas modificações e consolidou as dezessete regras de Cambridge. Ao final dos anos 1870, foi criada a *International Football Association Board (IFAB)*, que era composta por dois representantes de cada uma das quatro associações do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda). Só se aprovava uma mudança, quando tinha a maioria dos votos.

A regra do impedimento foi uma das que fizeram parte das regras de Cambridge em 1863. Na época, qualquer jogador de ataque antes da linha da bola era considerado fora do jogo, ou seja, estava em posição de impedimento. No final da década de 1860, a *The Football Association* decidiu adotar a regra de três jogadores, onde um atacante estaria em impedimento ao se posicionar na frente do último defensor. Em 1990, houve uma nova

mudança nessa regra. A vantagem agora era dada à equipe que atacava. Se o atacante ficou em linha com o penúltimo defensor, ele estava em posição regulamentar.

Após a criação de regras, surgiu o *kick-off*, que quer dizer dar o primeiro toque na bola no início da partida. Era necessário um ponto central, mantendo os jogadores de dez metros da bola no *kick-off*, o que trouxe ao futebol o círculo central. Desde que foram criadas as primeiras regras, elas sofreram constantes modificações ao longo do tempo⁷.

Em 21 de maio de 1904, foi fundada em Paris a *Fédération Internationale Football Association*, a FIFA, com sete integrantes originais: França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça. O ex-membro do conselho da *The Football Association*, Daniel Burley Woolfall substituiu o francês Robert Guérin como presidente da FIFA, em 1906, e em 1913 a FIFA tornou-se um membro da IFAB. A FIFA recebeu os mesmos poderes de voto que as quatro associações britânicas juntas. Restavam oito votos e 75% da maioria necessária para uma proposta a ser aprovada, mas em vez de dois cada, Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda agora tinham uma, enquanto a FIFA recebeu quatro.

A primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA aconteceu em 1930, no Uruguai com 13 seleções participantes. Em pouco tempo a FIFA se tornaria o principal órgão regulador do esporte no mundo.

A Federação engloba várias confederações regionais: a AFC, da Ásia, a CAF, de África, a CONCACAF, da América do Norte e América Central, CONMEBOL, da América do Sul, a OFC, da Oceânia, e a UEFA, da Europa.

⁷ As regras foram sofrendo pequenas mudanças que eram pré-aprovadas e levadas ao jogo. As últimas alterações foram feitas em 2006. Todas estão no site oficial da FIFA <http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-laws/from-1863-to-present.html>. Acesso em: 21 jul. 2013.

Ocuparam o cargo de presidente da entidade, além de Daniel Woolfall e o francês Robert Guérin, o também francês Jules Rimet, o belga Rodolphe William Seeldrayers, os ingleses Arthur Drewry e Stanley Rous e o brasileiro João Havelange (1974 a 1998) O suíço Joseph Blatter foi eleito em 1998 e em 2013 permanece no cargo.

4.1.1 A FIGURA DO ÁRBITRO

De acordo com a Confederação Brasileira de Desportos (1978), o surgimento do árbitro de futebol acontece em 1868, mas ele só intervinha em uma jogada quando alguém de uma das equipes reclamava. Segundo, (SALDANHA, 1971), para evitar que todos os jogadores reclamassem ao mesmo tempo, ficou definido que teria um jogador específico para a função. Era o chamado “reclamador”, que utilizava um boné⁸ e se dirigia a uma comissão que ficava em cima de um palanque durante as partidas. Em 1878, o árbitro adquire um novo equipamento para ajudar no decorrer da partida: o apito.

Somente em 1886, o árbitro pode entrar em campo e passa a ter mais poder para tomar decisões no jogo. O árbitro passou a ter que observar, interpretar e punir ou absolver um jogador num curto espaço de tempo.

O julgamento do árbitro difere do julgamento de um juiz, pois esse pode consultar a lei, defender uma tese, invocar a doutrina ou discursar para os jurados, antes de pronunciar sua decisão. Para tomar uma decisão, o árbitro é ao mesmo tempo, delegado, promotor, júri e juiz, tendo, também, que atuar como advogado de defesa em alguns momentos, porque é sabedor da grande responsabilidade que lhe pesa nos ombros, pelo caráter irrecorrível das suas sentenças. (MANZOLELLO, s/f)

⁸ Segundo Saldanha, o boné deu origem à figura do capitão da equipe, pois boné em inglês é *cap* e quando uma equipe inglesa ia jogar em outro país aparecia na escalação um jogador designado como *cap* e as pessoas acreditavam ser a abreviatura de capitão.

Além do árbitro principal, atualmente durante uma partida utilizam-se dois árbitros assistentes, ou bandeirinhas, como são popularmente chamados. A regra também descreve a função de mais um árbitro, que poderá compor a equipe de arbitragem. É o árbitro reserva, ou quarto árbitro, que pode substituir o árbitro principal ou algum assistente, caso eles se machuquem ou tenham algum problema durante a partida.

O árbitro tinha que aplicar a regra e um dos objetivos era coibir o uso de violência. Foi a partir daí que surgiu o termo *fair play* ou jogo limpo. A expressão é usada, quando um jogador se preocupa com a condição de seu adversário e coloca a bola para fora, para que ele possa receber atendimento médico. Nesses casos, a outra equipe devolve a bola para aquela que permitiu o atendimento. Para a FIFA, o *fair play* vai além disso, engloba todos os princípios desportivos, éticos e morais. A bandeira símbolo do *fair play* está no uniforme dos árbitros internacionais junto com o símbolo da FIFA. Apesar disso, o *fair play* não consta no livro de regras, mas é amplamente divulgado como parte de uma conscientização contra qualquer tipo de violência nos estádios. Para Proni (2000), essa divulgação do *fair play* tem haver com a preocupação que a violência traria para imagem do esporte no mundo.

O futebol-empresa reintroduziu o *fair play* como um elemento construtivo do futebol, mas não como uma qualidade inerente à educação cavalheiresca e ao comportamento civilizado, e sim como uma forma de melhorar a qualidade do espetáculo, preservando os melhores jogadores e de aumentar o faturamento, recuperando ou estimulando o interesse do público. (PRONI, 2000, p.62)

Apesar de serem muito importantes em uma partida de futebol, a categoria dos árbitros não possui regulamentação no Brasil, não tendo direitos trabalhistas, muitas vezes sem amparo da justiça e a remuneração é referente somente a partida em que trabalhou, não possuindo um salário fixo. De acordo com o artigo 30 do Estatuto do Torcedor criado em 2003, a remuneração dos árbitros é de responsabilidade da entidade organizadora do campeonato. Ainda assim, a responsabilidade de quem apita uma partida é enorme, pois tem a

pressão de dirigentes, torcedores, jogadores e da mídia que ficam atentos a qualquer erro cometido dentro das quatro linhas.

4.1.2 A TECNOLOGIA A SERVIÇO DOS ESPORTES

Sempre presentes nos jogos de futebol, gerando discussões, estão os erros de arbitragem. Alguns caem no esquecimento rapidamente, outros se tornam motivo de polêmica por um longo tempo. Hoje em dia, com as equipes de transmissão e suas inúmeras câmeras espalhadas pelo estádio, os erros são muito mais perceptíveis do que há 50 anos. Com o objetivo de tentar diminuir os erros e as polêmicas em torno da arbitragem, a FIFA vai devagar implantando a tecnologia. Na final do Mundial Interclubes disputado no Japão, em 2012, foi feito o primeiro teste com o chip na bola. Uma das duas tecnologias licenciadas pela Fifa para determinar se a bola cruzou ou não a linha do gol esteve nos campos brasileiros, na Copa da Confederações e vai estar também em 2014, na Copa do Mundo.

As duas empresas que forneceram a tecnologia para o teste no Mundial do Japão, a alemã *GoalRef* e a norte-americana *Hawk-Eye*, foram as responsáveis por apresentar um projeto para as competições. O sistema da *GoalRef* coloca um chip na bola e sensores nas traves e o da *Hawk-eye* tem câmeras espalhadas pelo campo, que seguem a bola e informam se ela cruzou ou não a linha de gol. Nos dois casos, quando a bola cruza a linha do gol, uma mensagem é enviada para o relógio do árbitro e de seus auxiliares.

A tecnicidade assume, portanto, elevado grau de representatividade em nossos protocolos cognitivos, ao ponto de os recursos digitais de comunicação, a exemplo do chip na *ball*, se tornarem ferramentas majoritárias para a compreensão e para a tomada de decisões do humano diante do jogo. (BEDENDO, 2012, p. 7)

O uso do chip na bola é a primeira forma de tecnologia aprovada pela FIFA para estar presente no futebol. As tecnologias de monitoramento, como o uso de imagens de

câmeras de TV para auxiliar os árbitros em caso de dúvida ainda não são permitidas. Em outros esportes pelo mundo a tecnologia já faz parte do jogo.

No futebol americano, por exemplo, além dos sete juízes que ficam dentro do campo, os técnicos tem o direito de pedir um replay de um lance que considerarem duvidoso. No basquete, ao lado da quadra existe uma mesa com um monitor de replays, que podem ser utilizados ao final de cada período. Após a consulta, a decisão final cabe ao árbitro principal.

No hóquei, além das câmeras nas traves e de um sensor que aciona um sinal luminoso quando o disco ultrapassa a linha do gol, há também um árbitro que fica monitorando as imagens. No rúgbi, utiliza-se do TMO (*Television Match Official*). As imagens são geradas pelo TMO e podem ser solicitadas apenas pelo árbitro principal em lances de pontuação ou em faltas graves. No tênis é adotado o sistema *Hawk-eye* que cruza imagens de câmeras posicionadas nas linhas de quadra para definir se a bola foi dentro ou fora. Cada jogador tem direito a pedir três desafios por set e as imagens são analisadas por um árbitro que fica em uma sala ao lado da quadra e repassa as informações ao árbitro principal.

Em abril de 2013, o vôlei foi mais um esporte a incorporar a tecnologia para minimizar erros de arbitragem. Os times poderão pedir o chamado desafio para verificar se a bola caiu dentro ou fora, se houve invasão na quadra adversária ou de ataque, se houve toque do bloqueio na rede ou algum toque da bola ou do atleta na antena. No sistema, câmeras de televisão captam imagens da partida, que ficam disponíveis para a arbitragem. O capitão da equipe pode solicitar aos juízes a revisão do ponto, caso ache o lance duvidoso. Cada time tem dois desafios por set. Se acertar, o time mantém o pedido, se estiver errado, perde um dos pedidos.

Em 2006 o até então árbitro, Leonardo Gaciba enviou um projeto à FIFA sugerindo usar replays para tirar dúvidas em até quatro lances do jogo. As imagens só seriam válidas para lances como gols, impedimentos e faltas. Segundo Gaciba⁹,

Seriam estourando 8 minutos a mais por partida. Não é muito considerando-se que o futebol tem pouca pontuação. Um gol pode decidir uma partida. No basquete ou no vôlei, por exemplo, são mais raros os jogos decididos por apenas 1 ponto de diferença.

O sistema proposto por Leonardo Gaciba dizia que os times deveriam pedir o desafio imediatamente após o lance. Se estivesse errado o técnico perderia o direito a uma das substituições que passariam a ser cinco e não mais três. O projeto não agradou a FIFA que ignorou as mudanças.

Os que são a favor do uso da tecnologia utilizam o argumento de que a introdução de recursos tecnológicos no futebol são úteis para ajudar a diminuir as dúvidas e os erros e tirariam um pouco o peso dos ombros da arbitragem. Os que são contra argumentam que o uso da tecnologia diminuiria a emoção do jogo tanto para os torcedores quanto para os jogadores. O erro e a incerteza são o que causam a emoção.

O fato é que enquanto a FIFA não adere às tecnologias de monitoramento, a polêmica em torno dos erros da arbitragem vai continuar entre os amantes do futebol.

4.2 A LEGISLAÇÃO ESPORTIVA

Na época do Estado Novo ou Era Vargas, que se deu entre 1930 e 1945, foi criado o Decreto¹⁰ de Lei nº 3199/418 que deu origem aos Conselhos Nacional e Regional de Desporto, de competência do Estado. A principal função desses conselhos era supervisionar a estrutura administrativa do esporte no Brasil.

⁹- Entrevista a Revista Placar, ano 43, nº1376, p.29-37

¹⁰<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126260/decreto-lei-9875-46?ref=home> Acesso em 10 ago. 2013

Em 1976 é criada a Lei 6.354/76, a chamada “Lei do Passe”, que regulava toda a relação do atleta com o seu clube, estabelecendo parâmetros para horário de trabalho, premiações, prazo do contrato de trabalho, entre outras inovações. A Constituição Brasileira de 1988 trouxe, pela primeira vez, o Direito Desportivo, no artigo 217, que consistia em estabelecer princípios administrativos para o desporto.

Já em 1993, foi criada a Lei nº 8.672/93, a Lei do Esporte ou Lei Zico e previu entre outras coisas, que os clubes pudessem se tornar empresas, o direito de arena, que é o direito das entidades esportivas de autorizar a transmissão dos seus eventos, com os atletas recebendo 20% de tais valores, a exclusão do Tribunal Superior de Justiça Desportiva da organização da Justiça Desportiva brasileira e permitiu a reabertura de bingos.

A Lei Zico permaneceu até 1998 quando foi instituída a Lei nº 9.615, Lei do Passe Livre ou Lei Pelé, que manteve 80% do texto Lei do Esporte. A Lei Pelé trouxe algumas alterações, como a obrigatoriedade de os clubes se tornarem empresas. Porém, os clubes conseguiram tornar a mudança novamente facultativa, como era na Lei Zico, não mais sendo obrigados a se tornarem sociedades com fins lucrativas.

No dia 15 de maio de 2003, foi sancionado pelo então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a lei nº 10.671, o Estatuto do Torcedor. O estatuto foi criado com o objetivo de criar normas de defesa para o torcedor e garantir a sua segurança. De acordo com o Artigo 2º do Estatuto, “Torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”. A respeito da Justiça Desportiva, o Estatuto do Torcedor traz três artigos específicos.

Art. 34. É direito do torcedor que os órgãos da Justiça Desportiva, no exercício de suas funções, observem os princípios da impessoalidade, da moralidade, da celeridade, da publicidade e da independência.

Art. 35. As decisões proferidas pelos órgãos da Justiça Desportiva devem ser, em qualquer hipótese, motivadas e ter a mesma publicidade que as decisões dos tribunais federais.

§ 1º Não correm em segredo de justiça os processos em curso perante a Justiça Desportiva.

§ 2º As decisões de que trata o caput serão disponibilizadas no sítio de que trata o parágrafo o § 1º do art. 5º. (Redação dada pela Lei nº12. 299, de 2010)

Art. 36. São nulas as decisões proferidas que não observarem o disposto nos artigos 34 e 35.

Os artigos são para garantir maior transparência em relação aos processos que correm na Justiça Desportiva.

4.2.1 O CÓDIGO BRASILEIRO DE JUSTIÇA DESPORTIVA

Após algumas discussões, foi aprovado pelo Conselho Nacional do Esporte, em 2003, o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) que veio para orientar e dar base às decisões da Justiça Desportiva. Em 2006, o Código sofreu alterações, principalmente em relação à Lei Pelé. Ele possuía 287 artigos e era a maior lei regulamentadora da Justiça Desportiva no Brasil.

Em 2009, a Comissão de Estudos Jurídicos Desportivos do Ministério do Esporte promoveu uma reforma no Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Segundo a apresentação desse novo código, sua mudança se justificava pela evolução constante do esporte e o aumento no número de profissionais envolvidos.

Uma das reformulações do Código era quanto ao uso de imagens televisivas, nos julgamentos do Superior Tribunal de Justiça Desportiva. De acordo com o Art. 58-B, em seu parágrafo único, “admite a condenação, com base em prova audiovisual, apenas nos casos de infrações graves que tenham escapado à atenção da arbitragem, ou que, por notório equívoco, não tenham sido devidamente punidas.” (Código Brasileiro de Justiça Desportiva, 2006, p. 21). Isso é para evitar que lances de mera advertência do árbitro sejam avaliados pela Justiça

Desportiva. O artigo tem ainda o potencial de “impedir que uma divergência entre adversários, que aconteça longe dos olhos do arbitro, seja objeto de suspensão, devido à falta de gravidade”.

Foram propostas também mudanças sobre as regras sobre o efeito suspensivo. Definiu-se que, quando a pena ultrapassar o prazo previsto em lei, o efeito suspensivo será concedido, apenas no que diz respeito à parcela da pena que exceder o teto legal. No Código antigo, quando o infrator for suspenso por mais de dois jogos ou quinze dias, punido com a pena máxima pela pratica de uma agressão física teria em tese, efeito suspensivo automático em seu favor, enquanto o que era punido com a pena mínima por jogada violenta seria obrigado a cumprir integralmente sua suspensão.

Pelo novo Código, no Art. 53, § 4º, da Lei nº 9.615, se um atleta for punido por cinco jogos de suspensão, pela pratica de jogada violenta, devera cumprir os dois primeiros jogos, ficando suspenso o cumprimento da pena quanto aos outros três jogos remanescentes, enquanto não for julgado o seu recurso.

4.2.2 A JUSTIÇA DESPORTIVA

A Justiça Desportiva é composta pelos Tribunais de Justiça Desportiva (TJD), Comissões Disciplinares (CD) e Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). De acordo com o Código Brasileiro de Justiça Desportiva, apenas bacharéis em direito da OAB podem ser membros dos Tribunais, sendo chamados de auditores e exercendo um mandato de quatro anos, permitida apenas uma recondução. O Artigo 53 da Lei Pelé¹¹ diz que

“Junto ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva, para julgamento envolvendo competições interestaduais ou nacionais, e aos Tribunais de Justiça Desportiva, funcionarão tantas Comissões Disciplinares quantas se fizerem necessárias, compostas cada qual de cinco membros que não pertençam aos referidos órgãos judicantes e que por estes serão indicados

¹¹-Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm Acesso em: 10. Ago. 2013

As Comissões Disciplinares são ligadas aos Superiores Tribunais e aos Tribunais de Justiça Desportiva. Funcionam como primeira instância e julgam as infrações cometidas nas competições do Tribunal do qual fazem parte. As decisões tomadas pelos membros das Comissões podem sofrer recursos.

Já o Artigo 55 da Lei Pelé prevê que “O Superior Tribunal de Justiça Desportiva e os Tribunais de Justiça Desportiva serão compostos por nove membros”:

I - dois indicados pela entidade de administração do desporto;

II - dois indicados pelas entidades de prática desportiva que participem de competições oficiais da divisão principal;

III - dois advogados com notório saber jurídico desportivo, indicados pela Ordem dos Advogados do Brasil;

IV - um representante dos árbitros, por estes indicado;

V - dois representantes dos atletas, por estes indicados.

Cada Federação estadual tem um Tribunal de Justiça Desportiva, que nomeia quantas Comissões Disciplinares achar necessário. Já o STJD fica responsável por julgar os recursos das decisões dos Tribunais e das Comissões Disciplinares.

Assim como na justiça comum, as Procuradorias atuam de forma parecida com o Ministério Público, fazendo o papel de “acusador”, denunciando e acompanhando os processos. Os membros são nomeados pelos TJD e STJD, entre eles terá o procurador-geral. De acordo com o artigo 6º parágrafo único do regimento Interno do STJD, “Somente poderá ocupar a função de Procurador-Geral profissional da área jurídica de reconhecido saber jurídico desportivo, reputação ilibada e comprovada experiência no exercício da função”.

Após todo o processo e os julgamentos, a Lei Pelé determinou as punições que podem ser aplicadas pela Justiça Desportiva são onze ao todo: advertência; eliminação; exclusão de campeonato ou torneio; indenização; interdição de praça de desporto; multa; perda de mando de campo; perda de pontos; perda de renda; suspensão por partida e

suspensão por prazo. As punições, sempre que possíveis, são cumpridas dentro da própria competição, onde a infração foi cometida.

5 O USO DE IMAGENS DE TELEVISÃO NO STJD

Como foi dito anteriormente, a FIFA resiste à utilização de tecnologias de monitoramento em partidas de futebol. Porém, as imagens das transmissões esportivas de televisão são cada vez mais importantes no esporte. Elas são usadas por procuradores, em processos nos tribunais de Justiça Desportiva. No futebol brasileiro, muitos são os casos de atletas e clubes que são punidos ou que pelo menos são levados a julgamentos, após serem denunciados por imagens de TV. O objetivo é mostrar alguns casos, nos quais as imagens de TV tenham sido utilizadas, para levar clubes e jogadores aos tribunais e verificar se as punições sofridas após as sentenças, interferem de algum modo no andamento de determinado campeonato.

Um dos casos aconteceu no Campeonato Brasileiro de 2007. No dia 29 de outubro, no empate em 2 a 2 entre Vasco e Palmeiras em São Januário, o meia chileno Valdivia do Palmeiras foi expulso de campo, após agredir o atacante Alan Kardec, do Vasco. Porém, o jogador foi denunciado também por ter desferido um soco em outro jogador vascaíno, o meia Thiaguinho. A atitude não foi registrada na súmula do árbitro Evandro Rogério Romam, mas, após solicitar as imagens televisivas, a procuradoria do tribunal resolveu denuncia-lo. O chileno foi enquadrado inicialmente no artigo 253, por praticar agressão física. Mas após a argumentação da defesa, a Terceira Comissão Disciplinar desclassificou as duas infrações para o artigo 255 (praticar ato de hostilidade contra adversário ou companheiro de equipe), punindo o atleta com cinco jogos. De acordo com o Código Brasileiro de Justiça Desportiva, para o artigo 255, a suspensão pode variar de uma a três partidas.

A punição o tirou dos últimos cinco jogos do Palmeiras no Campeonato Brasileiro. Após a suspensão de seu meio campo, o clube perdeu quatro das cinco partidas

restantes e deu adeus a chance de classificação para a Libertadores do ano seguinte, ao terminar em sétimo lugar com 58 pontos.

Já no Campeonato Brasileiro de 2012 aconteceram algumas polêmicas envolvendo o STJD. No dia 23 de setembro, em partida válida pela 26ª rodada, Atlético Mineiro e Grêmio empataram por 0 a 0 no estádio Independência. Nessa partida, houve um lance em que o meia Ronaldinho Gaúcho, do Atlético, tentou desarmar o atacante gremista Kléber, subiu demais a perna e acabou acertando o peito do jogador do tricolor gaúcho. A bola saiu pela lateral e o árbitro da partida Heber Roberto Lopes mandou o jogo seguir, sem nenhuma advertência ou marcação de falta no lance. Porém, após análise das imagens da partida, a Procuradoria do STJD formalizou a denúncia. O meia foi enquadrado no artigo 254 (praticar jogada violenta) do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, cuja punição varia de uma a seis partidas de suspensão. O jogador do Atlético pegou a pena mínima, desfalcando seu time na partida diante do Internacional, em Porto Alegre, jogo em que o Atlético foi derrotado por 3 a 0. O árbitro da partida, Héber Roberto Lopes, também foi julgado pelo artigo 259 (deixar de observar as regras da modalidade), mas foi absolvido.

O lance trouxe grande polêmica, pois a Associação Nacional de Árbitros de Futebol (Anaf) considerou que o STJD interferiu na arbitragem de Héber Roberto Lopes, ao aplicar punição a Ronaldinho Gaúcho, em um lance que a arbitragem entendeu como normal.

O vice-presidente da Anaf, José Pessi, e o procurador geral do STJD, Paulo Schimitt deram entrevistas¹² na época do lance:

¹² <http://m.esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2012/10/10/punicao-a-ronaldinho-aquece-debate-sobre-limites-da-atuacao-do-stjd-anaf-ve-interferencia.htm> Acesso em 12 ago. 2013.

“Acho que podemos considerar que ocorreu uma pequena interferência, já que o Héber não considerou agressão do jogador e o STJD aplicou uma punição”, afirmou José Pessi. Já para Paulo Schmitt “É uma situação absolutamente normal. Temos que cuidar das ações disciplinares. O árbitro aplica as regras do jogo. Não houve interferência que não seja de competência do STJD”.

Uma das polêmicas mais comentadas do Campeonato Brasileiro de 2012 aconteceu na tarde do dia 27 de outubro, no estádio Beira Rio em Porto Alegre, na vitória do Internacional sobre o Palmeiras, por 2 a 1. Aos 16 minutos da etapa final, em uma cobrança de escanteio na área do Inter, Marcos Assunção cruza para Barcos que, com a mão, manda a bola para o fundo do gol. O árbitro Francisco Carlos Nascimento fez menção de correr para o meio-campo, validando o gol, mas após conversar com os assistentes e o delegado da partida, Gerson Baluta, anulou o gol, gerando revolta entre os palmeirenses. A partida ficou cinco minutos parada, enquanto a questão era resolvida. A decisão foi mantida e o gol anulado.

Os dirigentes do Palmeiras reclamaram que o juiz sofreu interferência externa ao decidir o lance, pois a informação de que o gol havia sido com a mão veio do delegado da partida, Gerson Baluta, após receber informações de uma repórter que estava à beira do campo.

O procurador geral do STJD, Paulo Schmidt¹³, em entrevista disse que a procuradoria não faria qualquer denúncia sobre o lance, mas que o Palmeiras poderia pedir a impugnação da partida.

¹³-<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2012/10/palmeiras-pode-pedir-impugnacao-do-jogo-diz-procurador-do-stjd.html> Acesso em: 12 de ago. 2013.

Eles (a diretoria do Palmeiras) têm que tentar entrar com pedido de impugnação, que é um procedimento especial. Mas são coisas complicadas de acontecer, normalmente não funciona assim – explicou Schmidt, sem acreditar muito em um possível sucesso do Alvirverde. O diretor jurídico do Palmeiras, Piraci Oliveira, avisou pelo Twitter que cogita pedir a anulação do jogo.

Três dias depois da partida, no dia 30 de outubro, o STJD acatou o requerimento de anulação do jogo feito pela diretoria alvirverde e os três pontos conquistados pelo Internacional, não foram computados até o dia do julgamento, em oito de novembro.

De acordo com o artigo 84 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, o presidente do Tribunal, após receber o pedido de impugnação, deverá dar imediato conhecimento de instauração do processo, para que não se aprove a partida até a decisão de impugnação.

Art 85- A impugnação deverá ser protocolada no Órgão Judicante competente, em até 2 (dois) dias depois da entrada da súmula na entidade de administração do desporto, conseqüentemente, na forma do Art. 86, recebida a impugnação, dar-se -à vista à parte contrária, pelo prazo de 2 (dois) dias, para pronunciar-se, indo o processo, em seguida, à procuradoria, por igual prazo, para manifestação. (SION, p. 170, 2004).

No dia oito de novembro, em julgamento no Rio de Janeiro, não foi aceito pelo STJD o recurso do Palmeiras, que pedia a impugnação da partida por suposta interferência externa, em decisão da arbitragem no lance do gol de mão do atacante Barcos.

No julgamento¹⁴ a primeira prova apresentada pelo Palmeiras foi à transmissão do jogo da TV Bandeirantes, no qual um trecho do vídeo apresenta um relato da repórter Taynah Espinoza, em que ela comenta que o delegado do jogo perguntou aos jornalistas se o lance havia sido com a mão. Já a defesa do Internacional se utilizou de áudio e imagens da TV Globo, negando a existência desse relato.

¹⁴-<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2012/11/08/stjd-zomba-de-pedido-do-palmeiras-e-jogo-contr-o-internacional-e-mantido.htm> Acesso em: 12 ago. 2013

Barcos foi chamado e tentou explicar o lance, confirmando que tocou com a mão na bola, mas porque foi puxado pelo defensor do Inter. Já o árbitro Francisco Carlos Nascimento, o quarto árbitro Jean Pierre Gonçalves Lima e o delegado da partida Gerson Baluta, que foram chamados como testemunhas, reiteraram que não houve influência externa na decisão de invalidar o gol palmeirense.

Com isso, a vitória do Internacional por 2 a 1 foi mantida. A derrota oficializada manteve o Palmeiras com 33 pontos, na zona de rebaixamento do campeonato e o Inter, com 51 pontos e perto do G4.

No dia 21 de outubro de 2012, pela 32ª rodada do Campeonato Brasileiro, o Atlético Mineiro, vice-líder do campeonato, venceu o líder Fluminense por 3 a 2. Após o gol do zagueiro Leonardo Silva, aos 47 minutos do segundo tempo, que garantiu a vitória mineira, o lateral atleticano Junior Cesar atrasou o reinício do jogo e foi amarelado pelo lance. O atacante do Fluminense, Fred, irritado, empurrou o rival e não foi punido pelo árbitro Jaílson Macedo Freitas. O camisa 9 tricolor já havia recebido cartão amarelo no primeiro tempo da partida e poderia ter sido expulso.

O procurador-geral do STJD, Paulo Schmitt, solicitou as imagens da TV para análise. Fred foi denunciado no artigo 258 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (prática de conduta contrária à ética desportiva), com pena de uma a seis partidas de suspensão. Mas, no julgamento ocorrido no dia cinco de novembro, o jogador tricolor foi absolvido.

Na mesma partida, o Atlético Mineiro foi levado a julgamento, podendo ser punido pelo protesto de sua torcida que teve faixas, cartazes e torcedores com nariz de palhaço. Quando os times entraram em campo, torcedores fizeram um mosaico, em que se podia ler a sigla CBF, de cabeça para baixo nas cores do Fluminense. O fato não foi relatado na súmula, mas a procuradoria, após ver as imagens na TV, denunciou o clube. O artigo 190

do Código Brasileiro de Justiça Desportiva prevê punição, quando houver esse tipo de ofensa Mas, no julgamento, o Atlético-MG foi absolvido.

Art. 190- Manifestar-se de forma desrespeitosa, ou ofensiva contra ato ou decisão de entidade de administração do desporto e da Justiça Desportiva. Pena: Suspensão de 30 (trinta) a 360 (trezentos e sessenta) dias. Parágrafo único- Quando a manifestação for feita por meio da imprensa, rádio ou televisão, a pena será de 60 (sessenta) a 720 (setecentos e vinte dias) (SION, p. 52, 2004).

Nesse caso especificamente, não houve nenhum tipo de dano a nenhum dos clubes envolvidos, pois Fred foi absolvido e esteve à disposição do Fluminense para partida seguinte do time no Campeonato Brasileiro, diante do Palmeiras. E o Atlético não teve perda de nenhum mando de campo

Pela 5ª rodada da Taça Rio, o segundo turno do Campeonato Carioca, no dia seis de abril de 2013, no Estádio Moça Bonita, em Bangu, Flamengo e Duque de Caxias empataram por 1 a 1. Nesse jogo, o lance polêmico aconteceu aos 18 minutos do segundo tempo, quando, após cruzamento na área, o atacante Hernane do Flamengo cabeceou da entrada da pequena área, empatando a partida. O auxiliar Paulo Vitor Paladino Carneiro validou o lance e o árbitro Pathrice Wallace Correa Maia confirmou o gol, mas, alguns instantes depois, voltou atrás e decidiu anulá-lo, o que casou muita revolta nos jogadores e comissão técnica do rubro-negro.

O clube entrou com uma ação no Tribunal de Justiça Desportiva do Rio de Janeiro pedindo a impugnação da partida, alegando que houve interferência externa para que o gol fosse anulado. O juiz não mencionou o lance na sumula e relatou que "nada de anormal"¹⁵ aconteceu durante o jogo.

¹⁵<http://odia.ig.com.br/porta/ataque/flamengo/árbitro-de-fla-x-duque-de-caxias-ignora-polêmica-na-súmula-1.569894> Acesso em: 12 ago. 2013

Assim como aconteceu no caso do gol de mão de Barcos, do Palmeiras, citado anteriormente, o resultado de Flamengo x Duque de Caxias ficou suspenso até o julgamento.

De acordo com o relatório final do inquérito, na audiência ocorrida no Rio de Janeiro, no dia 25 de abril, os membros da equipe de arbitragem repetiram a versão apresentada à Corregedoria de Arbitragem, de que o gol foi validado em princípio pelo auxiliar número 1, Paulo Vitor Paladino Carneiro¹⁶.

Segundo o relatado, o Auxiliar n. 1 validou o gol, acreditando que o mesmo teria sido marcado pelo jogador do Flamengo de nome **ELIAS**, posto que foi quem chutou a bola para o centro da área. Todavia, ao escutar, pelo intercomunicador, que o Árbitro Principal e o Árbitro Adicional n. 1 haviam confirmado que o gol fora de **HERNANE**, voltou atrás, dizendo que este último estava em posição de **impedimento**. Assim, os três se reuniram para deliberar e, passados 41 segundos da confirmação, o gol foi anulado.

Essa versão do auxiliar foi confirmada por todos os envolvidos, que negaram o auxílio externo da imprensa ou de qualquer outro meio para tomar a decisão. Pela defesa do Flamengo foi apresentadas provas de vídeo, de depoimentos veiculados na imprensa, que segundo o relatório do Tribunal não acrescentaram em nada na investigação.

No dia três de maio, veio à resposta do TJD/RJ sobre o caso¹⁷

Com efeito, a prova mais robusta é aquela colhida dos depoimentos dos árbitros e do Presidente da Comissão de Arbitragem, coerente, segura e indiscrepante, repita-se. Se é certo que a os três árbitros envolvidos na decisão demoraram 41 segundos, para corrigir, segundo eles, o erro acontecido na validação do gol, também é certo que esse lapso de tempo é *aceitável*, diante da dúvida surgida quanto à sua autoria. Não deve ser esquecido, também, que o lance em questão só pode ser desvendado pela utilização do recurso chamado de “*tira teima*”. E, se a discussão é de centímetros, não há porque *crucificar-se* a arbitragem, mesmo na hipótese de ter errado. [...] Diante de todo o exposto e por tudo mais do que dos autos consta, determino o ARQUIVAMENTO, do presente Inquérito, na forma do artigo 82, parágrafo 4º, do Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

¹⁶ <http://www.fferj.com.br/arquivos/documentos/3693604aab23a5634dbb9eae926f8fc3.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2013

¹⁷ <http://www.fferj.com.br/arquivos/documentos/3693604aab23a5634dbb9eae926f8fc3.pdf> Acesso em: 12 ago. 2013.

O auxílio externo não foi provado pela defesa do Flamengo e o inquérito acabou sendo arquivado. Mas mesmo se a partida tivesse sido anulada, o Flamengo não teria mais chances de classificação para a semifinal da Taça Rio. O rubro-negro era o quarto colocado, com sete pontos, atrás justamente do Duque de Caxias, que tinha oito, Fluminense com 13 e Resende com 15.

Questões, como um gol legal, mal anulado poderiam ser resolvidas com a tecnologia implantada no futebol, como já acontece em outros esportes, como já elucidado anteriormente. A reportagem da Revista Placar de março de 2013 mostrou que os replays de imagens gravadas por câmeras valem também para julgar impedimentos. Com isso, não haveria maiores discussões sobre a arbitragem nesse ponto.

Pela Série B do Campeonato Brasileiro de 2013, um lance chamou a atenção da procuradoria do STJD. No jogo contra o Paraná, no Pacaembu, o meia Valdivia do Palmeiras retardou a sua saída de campo ao ser substituído e levou o cartão amarelo pelo lance. Como o jogador se apresentaria no dia seguinte à Seleção Chilena para um amistoso, não poderia enfrentar o Joinville, na terça-feira, dia 13, pela Série B, o STJD entendeu que ele forçou o terceiro cartão amarelo.

De posse das imagens da partida e em entrevista ao Programa “Troca de Passes”¹⁸ do Sportv, Flávio Zveiter, Presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, afirmou¹⁹ que o jogador poderia receber uma punição:

[...]essa atitude pode ser passível de punição porque caracteriza uma infração ao artigo 258 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, que fala em assumir qualquer conduta contrária à disciplina ou à ética desportiva. Ou seja, cavar propositalmente um cartão amarelo para se livrar de pura ou eventual suspensão se caracteriza como uma infração ao código, o que passa a ser passível de punição de uma a seis partidas.

¹⁸-Troca de Passes é um programa esportivo, do canal fechado Sportv, exibido aos fins de semana, com os principais jogos de futebol da rodada entrevistas, bastidores e um time de comentaristas, que analisam os lances.

¹⁹-<http://sportv.globo.com/site/programas/troca-de-passes/noticia/2013/08/presidente-do-stjd-diz-que-valdivia-por-ser-punido-por-cavar-cartao.html>. Acesso: em 14 ago. 2013

O que chama a atenção nesse caso, é que situações parecidas já aconteceram no futebol brasileiro, flagrados pela imprensa e não foram punidas pelo STJD. No Campeonato Brasileiro de 2012, na vitória do Corinthians por 2 a 1 sobre o Coritiba, o volante Paulinho tomou o terceiro cartão amarelo.

Em entrevista²⁰ após o jogo, o técnico Tite admitiu que pediu para o jogador tomar o cartão. “Eu pedi para o Paulinho tomar o cartão em função de ir para a seleção. É uma condição natural. Digo isso porque primeiramente não escondo as minhas atitudes. Em segundo porque fiz uma necessidade que a regra diz”.

No dia 29 de julho de 2011, dois jogadores do Flamengo na época, Ronaldinho Gaúcho e Thiago Neves foram absolvidos²¹ pela mesma acusação de Valdivia. Ambos foram julgados pelo artigo 258 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (assumir atitude contrária à disciplina e ética). Porém o advogado rubro-negro defendeu os jogadores dizendo “não haver regra para punir um atleta que premeditou advertência.”.

No caso específico do Valdivia, o presidente do STJD só soube do lance, após o programa “Troca de Passes” repercutir o jogo e conseqüentemente o lance em questão para discutir a situação e o que poderia acontecer ao jogador.

²⁰ <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2012/08/15/tite-admite-ter-pedido-para-paulinho-forcar-amarelo-contra-o-coritiba-e-cumprir-suspensao.htm> Acesso em: 13 ago. 2013

²¹ <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2011/07/29/stjd-descarta-erros-de-ronaldinho-gaúcho-thiago-neves-e-kleber-e-absolve-trio.htm> Acesso em: 13 ago. 2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um número cada vez maior de câmeras de televisão espalhadas pelos estádios, fica difícil algum lance escapar aos olhos da mídia. As imagens têm contribuído com uma nova forma de “reapitar” um jogo, já que fica evidenciado pelos exemplos citados, que mesmo que uma jogada não seja considerada falta pela arbitragem, e não seja nem mesmo relatado na sumula, os tribunais de Justiça Desportiva utilizam as imagens das transmissões de televisão para julgar e punir atletas e clubes, de acordo com a sua interpretação.

A televisão tem o poder a partir de seus videoteipes, da cobertura jornalística que fazem, de mudar decisões anteriormente tomadas pelo árbitro, e interferindo de certa forma no andamento de um campeonato, a partir do momento em que pode desfalcar um clube de algum jogador que seja de fundamental importância, como aconteceu no caso Valdivia em 2007. O jogador foi punido por um lance, que a arbitragem não colocou na sumula e a pena acabou prejudicando seu clube que perdeu os jogos em sequência e deu adeus a chance de conquistar uma vaga na Libertadores da América.

Essa influência que a TV tem tido hoje em dia no futebol brasileiro, se dá principalmente pelo crescimento da editoria de jornalismo esportivo. Antigamente, a mídia dava mais ênfase as questões políticas e o espaço para se falar de esporte era o mínimo possível. Mas com o tempo, com o futebol foi se tornando cada vez mais popular e ganhado grande importância, impulsionado pelas vendas de jornais e revistas especializados, e um número cada vez maior de programas de mesas redondas nos canais de TV aberto e fechado.

Além dos programas e jornais especializados no assunto, a internet trouxe a facilidade de se ter acesso a notícias de forma extremamente rápida. Então, se um determinado lance passa despercebido pela arbitragem, mas não pela mídia, além de ser

reprimado várias vezes na TV, vira discussão nas redes sociais instantaneamente e, a partir daí, a divulgação é cada vez maior, até chamarem a atenção das procuradorias dos tribunais.

Não mais preocupados apenas com que o árbitro fará na partida ou relatará na sumula, o jogador, o técnico, o dirigente tem também que ficar atento ao que a mídia vai mostrar em seus programas e em seus sites.

A verdade é que essa utilização da televisão, como forma de flagrar lances e puni-los, pode ser considerada positiva a partir do momento em que o STJD pode suspender um atleta por uma agressão, que tenha ocorrido longe dos olhos do árbitro e assim tentar coibir a violência dentro de campo.

Isso torna a discussão sobre o uso da tecnologia no futebol ainda maior. Se as imagens de TV são consideradas legais e podem contribuir para punir clubes e jogadores fora dos gramados, utilizando-as nos tribunais, porque não libera-las para ajudar os árbitros dentro de campo? Porque não se utilizar dos replays dos lances, para evitar que a arbitragem, que muitas vezes erra, seja crucificada por um lance em que viu e teve segundos pra tomar uma decisão?

Para os amantes do futebol, essa é uma daquelas discussões cheias de ponto de vista. Todo mundo pode opinar, expor prós e contras, mas com a tecnologia avançando nos esportes cada dia mais, quem sabe a FIFA não se renda e resolva dar uma chance para que ela possa colaborar um pouco mais com a paixão do brasileiro.

7 REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de R. Buongiorno e P. de Souza. 7. Ed. São Paulo: Bertrand Brasil-Difel, 1987.

BEDENDO, Ricardo. **O jogo pós-humano** In XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2012, Fortaleza, CE. **Anais eletrônicos...** Intercom 2012. Disponível em< <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1165-1.pdf>> Acesso: 29 jan. 2013

BELLOS, Alex. **Futebol: O Brasil em campo**. Tradução Jorge Viveiros de Castro. Editora: Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro, 2003.

CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado**, Rio de Janeiro: lance! São Paulo: Ed 34 2002

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Contexto. 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. Regras do futebol. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1978.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, 4ª edição Mauad, 2003.

GOMES, Ricardo Duarte; DA SILVA, Edilma Pereira. **O olho da Câmera como o Quinto Árbitro** In XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos...** Intercom 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99797572823511733243868755551316173801.pdf>> Acesso: 12 fev. 2013.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV: O Jogo da Narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012, 200p.

HELAL, R. **Passes e Impasses – futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo. et al. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro Mauad, 2001.

<http://www.esporte.gov.br/seminarioreformacodbrasileiro/arquivos/cbjdFinal.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2013

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 06 ago. 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

KNOELLER, Wagner Willian. **Silvio Luiz: Olho no lance**. São Paulo: Nova Cultural. 2002.

MANZOLELLO, L. **Futebol: revolução ou caos**. Rio de Janeiro: Editorial Gol, [199?].

MOL, Vanessa Bueno. **Mediatização empresarial: visibilidade versus controle nas redes sociais na internet**. Redes Sociais, Comunicação, Organizações. São Caetano do Sul/SP: Ed. Difusão. Editora Difusão. Série Pensamento e Prática, vol 5. 1ª edição. Abril, 2012.

NOGUEIRA, Cláudio. **Futebol Brasil Memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937)**. Rio de Janeiro, Editora Senac Rio, 2006.

PICH, Santiago. **A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo**. Perspectiva, Florianópolis, v. 21, n. 1. 2003

PRONI, Marcelo. W. **A metamorfose do Futebol**. Campinas, SP: Unicamp 2000

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SALDANHA, J. **O futebol**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**. São Paulo: Panda, 2004.

SION, Marcus Frederico Donnici. **Comentários sobre o código brasileiro de justiça desportiva com enfoque no futebol**. Rio de Janeiro: D MAUAD, 2004.

SOARES, Fábio. **Tecnologia já!** Placar, São Paulo: Abril, ano 43, nº1376, p.29-37, mar. 2013.

TAVARES, C. Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Harbra, 1999.

TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar – Rádio e modernidade em São Paulo**. PW Editores e Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1990.